

## FEMINISMO ISLÂMICO FACE AO FEMINISMO SECULAR: UMA NOVA CONSCIÊNCIA DE GÊNERO DE UM ORIENTE QUE REJEITA A OCIDENTALIZAÇÃO

ISLAMIC FEMINISM AND SECULAR FEMINISM: A NEW GENDER CONSCIUSNESS  
OF A MIDDLE EAST REJECTING WESTERNIZATION

Clarissa De Franco<sup>1</sup>

**Resumo:** O artigo, fruto de pesquisas iniciais, aborda o movimento do feminismo islâmico, que, de modo resumido e abrangente, clama por transformações nas interpretações do Alcorão no que se refere ao papel das mulheres, assumindo que a desigualdade entre homens e mulheres, comumente presente em práticas islâmicas, não seria um atributo dos textos sagrados, e sim um aspecto cultural e interpretativo. Nesse sentido, as reivindicações feministas islâmicas situam-se nas fronteiras entre perspectivas seculares e religiosas, uma vez que não há um rompimento com a religião islâmica, mas uma busca por transformação de conceitos no interior da perspectiva mulçumana. Nossa hipótese é que o feminismo islâmico, de um lado, tem sentido isolamento perante outros grupos feministas seculares, tanto em função do tipo de discussão desenvolvida internamente (que ainda é distante quando comparados os grupos), quanto em decorrência de boa parte da militância feminista apoiar-se em modelos teóricos que veem as religiões como fonte de muitos dos males a serem superados. Por outro lado, o feminismo islâmico enfrenta no seio da própria cultura mulçumana riscos inerentes aos enfrentamentos severos aos quais se propõe. Identificando uma resistência do feminismo islâmico aos clamores da ocidentalização e secularização, buscamos apresentar uma pesquisa em estágio inicial sobre a nova consciência de gênero que emerge no islamismo.

**Palavras-chave:** Islã, feminismo islâmico, mulheres mulçumanas

**Abstract:** This article, the result of early research, discusses the movement of Islamic feminism, which, in summarized and comprehensively way, calls for changes in interpretations of the Koran regarding the role of women, assuming that inequality between men and women commonly present in Islamic practices would not be an attribute of the sacred texts, but a cultural and interpretative aspect. In this sense, Islamic feminist claims are at the boundaries between secular and religious perspectives, since there is not a break with the Islamic religion, but rather a search for transformation of concepts within the Muslim perspective. Our hypothesis is that Islamic feminism, on the one hand, senses isolation in relation to other secular feminist groups, both because of the type of discussion internally developed (which is still far when we compare the groups) and as a result of the feminist activism strong rely on theoretical models who see religion as a source of many evils to be overcome. On the other hand, Islamic feminism faces within the Muslim culture itself risks inherent to the severe confrontations that it proposes. Identifying the resistance of Islamic feminism to the claims of Westernization and secularization, we seek to present this early stage research on the new consciousness of gender that emerges in Islam.

**Keywords:** Islam, islamic feminism, muslim women.

---

<sup>1</sup> Psicóloga da Universidade Federal do ABC, pós-doutora em Ciências Humanas e Sociais, doutora em Ciências da Religião. [clarissade franco@hotmail.com](mailto:clarissade franco@hotmail.com)

## Introdução

Este estudo, em fase inicial, é fruto das pesquisas e elaborações do pós-doutorado da autora, no qual são abordadas as tensões entre a identidade nacional francesa e o sentimento de exclusão social de muçumanos que vivem na França. Durante a pesquisa, a autora tomou contato com a vivência das mulheres muçumanas e com o movimento do feminismo islâmico, que possui características muito particulares quando comparado aos feminismos seculares. Neste momento, apresentaremos uma discussão inicial sobre algumas características do feminismo islâmico, trazendo o aspecto de resistência à ocidentalização. Trata-se do princípio de uma caminhada de pesquisa, que deve seguir na investigação da visão de islâmicas brasileiras sobre mulheres e religião, cujos resultados serão apresentados em comunicação posterior.

Feminismo islâmico não é um termo difundido de maneira profunda, nem no âmbito acadêmico, tampouco na cultura popular. Provavelmente, isso se deve a vários fatores: entre eles, a visão homogeneizadora do Ocidente acerca do Islã, como se este fosse um todo coeso de pessoas que vivem rigorosamente valores muçumanos. Há, neste raciocínio, uma série de apontamentos a serem feitos. Primeiro, o Islã não é um universo homogêneo de significados. Trata-se de uma tradição bastante diversificada, que inclui grupos (sunitas, xiitas, carijitas) com particularidades em suas crenças. Como não poderia deixar de ser, o feminismo islâmico também não é homogêneo. Há autoras e ativistas que começam a estruturar um corpo de publicações na Turquia, Egito, Irã, Marrocos, entre outros países, mais efetivamente a partir da década de 1990. O que temos, até o momento, são reivindicações feministas de mulheres islâmicas de várias nacionalidades, que clamam por transformações nas interpretações do Alcorão no que se refere ao papel das mulheres nas sociedades, assumindo uma separação entre religião e cultura.

Assumimos como pressuposto que o Islã é visto pelas sociedades ocidentais de maneira estereotipada, com uma mistura de elementos perceptivos que passam pela representação do Islã como ameaçador, um mundo que causa estranhamento e indignação. Esta visão se estende à noção de Oriente, que, em si, é também uma construção. O intelectual palestino Edward Said considera, em sua obra central, chamada *Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente* (2007), que o Oriente é uma invenção do Ocidente, que coloca o “outro” em um lugar diferenciado para fins de submissão e dominação imperialista. Este outro, “o bárbaro”, é visto de maneira estereotipada e genérica.

*Orientalism* é uma das obras fundamentais dos chamados estudos pós-coloniais, que contam também com autores como Aimé Césaire (*Discours sur le colonialisme*, 1950), Frantz Fanon (2009 [1961]), Albert Memmi (2007), Achille Mbembe (2000), Chinua Achebe (2009), Homi Bhabha (1998), Gayatri Spivak (1999), entre outros.

Embora os estudos pós-coloniais sejam demasiadamente amplos em temáticas, e existam críticas a respeito de sua demarcação histórica e conceitual, ressaltamos que seu uso neste estudo se justifica por serem produções firmadas a partir da segunda metade do século XX, com caráter de resistência política, ideológica, cultural, econômica e social face às dominações colonialistas e suas estruturas residuais. O recorte desta pesquisa centra-se na compreensão de um aspecto dos estudos pós-coloniais, que serve ao entendimento do universo feminista islâmico e também dos estudos feministas ocidentais, presentes em autoras como Judith Butler (2003; 1998; 1994).

É certo que a contemporaneidade e seus efeitos não impactaram somente “o lado ocidental do globo”. Neste sentido, o movimento feminista islâmico – que não é homogêneo – está na base deste contato entre tradição e modernidade e há algumas décadas se vê uma consciência de alguns grupos islâmicos acerca de reivindicações pelo reconhecimento do direito da mulher, como é o caso do Egito, com os movimentos em 1923 da União das Feministas Egípcias (*al-Ittihad al-Nisa'i al-Misri*), e em 1948, da União das Filhas do Nilo (*Ittihad Bint al-Nil*) (LIMA, 2014).

### **Feminismo islâmico e feminismo secular**

O feminismo islâmico, propriamente dito, é localizado historicamente a partir da década de 1990 e reconhece-se como fruto do “encontro entre o feminismo secular e os movimentos de mulheres pela reislamização<sup>2</sup>” (LIMA, 2014, p. 1). Tal encontro traz fronteiras delicadas de remarcação de alguns valores islâmicos e questionamento de tendências machistas e misóginas que privilegiam os homens no interior das crenças islâmicas, como por exemplo, a reivindicação de que as mulheres possam desfazer o casamento a partir de suas escolhas, ou viajar sem a companhia (tutela) de um homem (BADRAN, 2009).

---

<sup>2</sup> A reislamização refere-se a um processo que vem ocorrendo no mundo muçulmano em vários países, impulsionado por tendências fundamentalistas de observância aos princípios e às condutas religiosas do Islã.

Ligado à secularização (processo de separação entre os poderes religiosos e políticos institucionalizados) e a outros elementos típicos da pós-modernidade – como racionalização, globalização, multiculturalismo, democratização, individualismo, fragmentação dos discursos –, o feminismo islâmico teve muitas ativistas que cresceram e estudaram fora do mundo muçumano, em sociedades “mais ocidentalizadas”. Não é por acaso que o movimento tem força em países como Turquia e Egito, que possuem um intercâmbio evidente com o mundo ocidental. A socióloga marroquina Fatima Mernissi tem, a partir de seu livro *Women and Islam: an historical and theological enquiry* (1991), o reconhecimento de ser considerada pioneira nos estudos feministas islâmicos, apesar de ela mesma declarar-se feminista secular.

Existe, dentro do feminismo islâmico, uma busca por questionar os fundamentos da religião a partir da perspectiva interna, daquelas que creem e que não têm interesse em abandonar suas crenças. Questiona-se, por exemplo, os papéis sociais dos homens e mulheres na família e na sociedade, justificando-se que a desigualdade não é a proposta do Alcorão, mas sim da dinâmica social aprendida culturalmente. Neste sentido, adeptas do movimento utilizam trechos do Alcorão que designariam igualdade e estariam sendo esquecidos pelo fundamentalismo islâmico.

O argumento do feminismo islâmico é que a religião islâmica não seria um modelo que incita a subjugar as mulheres, mas são os modos de interpretar e vivenciar as fontes religiosas, em especial o texto sagrado, que trazem as desigualdades e submissões. Considera-se que as interpretações vigentes do Alcorão atribuem posicionamentos misóginos ao profeta, mas que tais posicionamentos seriam interpretativos, sendo possível ler os textos sagrados sem essa conotação. (MIR-HOSSEINI, 2006; BARLAS, 2002)

Esta visão é particular dentro do âmbito das lutas feministas, pois desloca a religião, ou a crença propriamente, do papel de doutrinação, devolvendo aos seres humanos e a seus processos histórico-culturais este ônus. Neste sentido, o que levaria outras trajetórias e lutas feministas a se associarem a uma ruptura com o universo religioso, em direção a uma concepção secular e laica, levou o feminismo islâmico a reafirmar sua identidade muçumana em outras bases e condições, em que ser muçulmana não está descolado da luta pela igualdade de gênero e contra as violências à mulher. Cabe indicar que a voz do feminismo islâmico é dissonante no interior do Islã, pois apresenta diferenças internas que colocam em xeque interpretações religiosas acerca da condição feminina.

Tal característica aponta para uma demarcação política de resistência do chamado “Oriente” (que não é homogêneo, inclusive no que se refere à própria concepção de religiosidade e religião e laicização) em relação à agenda ocidental de laicização e secularização

como metas para as sociedades democráticas. Em alguns países europeus, esta agenda de laicização, acrescida de um sentimento antiislamismo, tem se tornado cada vez mais evidente. A França, por exemplo, país que abriga entre sua população 10% de muçulmanos, vindos em sua maioria do norte da África, e que tem sido alvo de ataques terroristas, vive tensões bastante complexas, que ganham contornos especiais em função de ser um país símbolo dos valores iluministas, berço da idade contemporânea (GIUMBELLI, 2001). Medidas como a proibição do uso do véu islâmico, políticas de endurecimento à entrada e permanência dos migrantes muçulmanos, entre outras, mostram o delicado cenário em que os valores típicos das sociedades secularizadas se veem desafiados por uma cosmovisão que pretendem superar, como se (o contexto religioso islâmico) fosse um mundo ultrapassado que ainda não se modernizou. Xenofobia, violência, segregação social acabam por ser mediadores destas relações (KERN, 2014).

O antropólogo pós-colonialista Talal Asad (1986; 1996) trata, entre outros elementos, do pluralismo cultural no Islã e de como há um equívoco na visão de estudiosos ocidentais, que acabam tendo o referencial ocidental para o julgamento de um universo que possui outros significados simbólicos.

De um modo geral, para os ocidentais seculares, o islamismo e seu código de valores desrespeitam lutas históricas ligadas à emancipação das mulheres e outras pautas dos direitos humanos dura e (ainda) parcialmente conquistadas. Nesse sentido, o feminismo islâmico acaba por se encontrar em uma fronteira de difícil negociação em relação a outros grupos feministas e também a outros movimentos sociais.

Considerando que uma característica dos movimentos sociais é o apoio mútuo e uma articulação das minorias sociais, em nome de um fortalecimento identitário de combate a opressões (MACHADO, 2007) e reafirmação da essência do islamismo, pressupõe-se que o feminismo islâmico, por conta das características apontadas acima, enfrenta um isolamento político, ou ao menos uma desconfiança de seus pares. A nova consciência de gênero emergente no feminismo islâmico situa-se nas fronteiras entre as perceptivas seculares e as perspectivas religiosas islâmicas e temos o entendimento de que tais fronteiras – porosas, ambíguas e conflitivas – podem trazer um isolamento político ao movimento do feminismo islâmico, por este guardar em suas raízes e propostas o vínculo com uma religião identificada, no genérico mundo ocidental, como fundamentalista e mantenedora de práticas misóginas, machistas e que reforçam as desigualdades de condição. Identificamos no feminismo islâmico uma resistência ao ideal ocidental de secularização e assumimos como pressuposto de trabalho que

se trata de um grupo que rejeita os princípios ocidentais, que têm a secularização e a laicização como metas.

Entre autoras do feminismo secular, encontra-se a filósofa estadunidense pós-estruturalista Judith Butler, que trouxe uma ressignificação de conceitos clássicos da Filosofia, como as noções de verdadeiro e falso, e concepções tradicionalmente vistas como binárias no que se refere à natureza e cultura, significante e significado, sexo e gênero. Tais formulações são colocadas em questão, por exemplo, pelo conceito de performatividade (BUTLER, 2003; 1994). Tal proposta desconstrói a ideia de identidade de gênero, como se pensava até o momento, indicando que os ditos sujeitos do gênero não existiriam de fato. Este raciocínio desmonta o binarismo sexo/gênero em que sexo era tido como naturalizado e gênero como uma construção social. Nesse sentido, sua crítica, reformadora acerca da ideia de gênero, é uma dessencialização do sexo/corpo como pertencente à natureza biológica (que, portanto, passa a ser uma categoria também historicizável), e do gênero como natural da cultura, promovendo uma libertação conceitual e prática relativa ao universo do gênero, já que no caso em que gênero é abordado como produto cultural, “(...) não a biologia, mas a cultura se torna o destino” (BUTLER, 2003 [1990], p. 26), o que levaria à ideia de estereótipos e preconceitos. A pensadora, desafiando concepções filosóficas, propõe a performatividade como ato do gênero, indicando que ser homem, ou ser mulher, ou ser outra coisa não são realidades ou verdades internas e que, portanto, não se pertence a um gênero, mas se atua e se performa em gêneros.

Esta libertação proposta por Butler está no centro dos debates acerca de estudos seculares de gênero e opera de modo distante da realidade de agenda do feminismo islâmico, que, em princípio, ainda precisa se ocupar do lugar histórico e social das mulheres, no sentido de reconhecimento e empoderamento, antes de outras reformas conceituais e epistemológicas acerca do sexo e do gênero.

Butler afirma que as mulheres mulçumanas constroem seus discursos a partir de uma lógica reativa, que acaba reinserindo-as paradoxalmente no sistema de poder a que estão submetidas, quando acreditam estar resistindo a este sistema (BUTLER, 2001). Isto porque o discurso das mulheres feministas islâmicas mantém em sua base a estrutura binária que remete sexo à dimensão biológica e gênero à cultural.

Além destes embates epistemológicos sobre gênero, o feminismo islâmico, conforme já apontado, enfrenta o isolamento político, uma vez que boa parte dos movimentos feministas mundiais vê a religião como a principal fonte de opressão contra a mulher e supressão de direitos humanos básicos, como a liberdade sexual. Existe, ainda, o feminismo ateu, que assume de modo direto a religião como potencial adversária dos avanços às políticas de gênero.

Nesse caso, o ateísmo torna-se um discurso de reforço às lutas sociais, operando em bases conceituais marxistas.

### **Considerações finais**

A trajetória de luta do feminismo islâmico é recente e enfrenta diversos desafios. De um lado, existe seu isolamento perante outros grupos feministas seculares, tanto em função do tipo de discussão desenvolvida internamente, quanto em decorrência de boa parte da militância feminista apoiar-se em modelos teóricos que veem as religiões como fonte de muitos dos males a serem superados. Por outro lado, o feminismo islâmico enfrenta, no seio da própria cultura mulçumana, riscos inerentes aos enfrentamentos severos aos quais se propõe.

Há ainda um imenso caminho no sentido de emancipação do lugar de sujeito histórico das mulheres islâmicas, mas principalmente segue-se a mensagem de que existe entre as mulheres de véu uma consciência emergente de gênero que resiste às opressões de elementos culturais associados à interpretação dos princípios religiosos do Islã, assim como resiste às pressões de “ocidentalizar-se”. Há que se construir um novo modelo de sociedade nestas fronteiras, e um grupo de mulheres parece estar genuinamente disposto a este desafio.

### **Referências**

- ACHEBE, Chinua. *O mundo se despedaça*. São Paulo: Companhia da Letras. 2009. 238 p.
- AHMED, Leila. *Women and gender in Islam: historical roots of a modern debate*. London: Yale University Press, 1992.
- AL-HIBRI, Azizah. "The practice and purpose of Islamic feminism." *The Official Student Newspaper*, v. 96, n. 25, p. 1-5, Apr. 2002.
- ARAT, Yesim. *Rethinking Islam and liberal democracy: Islamist women in Turkish politics*. New York: State University of New York, 2005.
- ASAD, Talal. *The Idea of an Anthropology of Islam*, Occasional papers: Centre. for Contemporary Arab Studies, Georgetown, 1986.
- ASAD, Talal. Interview. Talal Asad: modern power and the reconfiguration of religious traditions. *SEHR*, volume 5, issue 1: Contested Politics, Updated February 27, 1996.
- BADRAN, Margot. *Exploring Islamic Feminism*. Center for Muslim-Christian Understanding, Georgetown University. November 30, 2000.

- BADRAN, Margot. *Feminism in Islam: secular and religious convergences*. London: Oxford Press, 2009
- BADRAN, Margot. "Islamic Feminism: what's in a name?" Egypt: *Al-Ahram Weekly*, n. 569, p. 17-23, Jan., 2002.
- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.
- BARLAS, Asma. "*Believing Women*" in Islam: unreading patriarchal interpretations of the *Qur'an*. USA: University of Texas Press, 2002.
- BARLAS, Asma. "Qur'anic hermeneutics and women's liberation." In: *International Congress on Islamic Feminism*, 2005, Barcelona. Oct. 2005.
- BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- BUTLER, Judith. "Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo". Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo educado*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2001. p. 151-172.
- DAVIS, Angela Y. *Women, Race, and Class*. New York: Random House, 1981.
- DEMANT, Peter. *O mundo muçulmano*. São Paulo: Contexto, 2004.
- EL SAADAWI, Nawal. *A face oculta de Eva: as mulheres do mundo árabe*. São Paulo: Global, 2002
- CÉSAIRE, Aimé. *Discours sur le colonialisme*. Paris: Réclames, 1950.
- FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Juiz de Fora: EdUFJF, 2009 (originalmente publicado em 1961).
- GIUMBELLI, Emerson, A Religião que a Modernidade Produz: Sobre a História da Política Religiosa na França, *Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, Vol. 44, nº4, 2001, pp. 807 a 840.p. 808 e 809
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: D&P Editora, 2006.
- KARAM, Azza. *Women, Islamism and the state: contemporary feminisms in the Middle East*. London: Macmillan, 1998.
- KERN, Soeren. *A Islamização da França em 2014*. Gatestone Institute, 2014. Disponível em <http://pt.gatestoneinstitute.org/5006/islamizacao-franca>. Acesso jan. 2016.
- LIMA, Cila. Um recente movimento político-religioso: feminismo islâmico. *Rev. Estud. Fem.* [online]. 2014, vol.22, n.2, pp. 675-686.

- LIMA, Cila. *Women and Islamism: the cases of Egypt and Turkey*. Berlin: LapLambert, 2013.
- MACHADO, Jorge Alberto S. Ativismo em rede e conexões identitárias: novas perspectivas para os movimentos sociais. *Sociologias* [online]. 2007, n.18 [cited 2016-03-04], pp. 248-285
- MANJI, Irshad. *Minha briga com o Islã: o clamor de uma mulher muçulmana por liberação e mudança*. Tradução de Dinah de Abreu Azevedo. Brasília: Francis, 2004.
- MBEMBE, Achille. *De la postcolonie: essai sur la imagination politique de l'Afrique contemporaine*. Paris: Karthala Editions, 2000.
- MEMMI, Albert. *Retrato do descolonizado árabe-muçumano e de alguns outros*. Civilização Brasileira, 2007.
- MERNISSI, Fatima. *Beyond the veil: male-female dynamics in modern Muslim society*. Indiana University Press, 1987.
- MERNISSI, Fatima. *The veil and male elite: a feminist interpretation of women's rights in Islam*. New York: Basic books, 1991a.
- MERNISSI, Fatima. *Women and Islam: An Historical and Theological Enquiry*. Front Cover. Basil Blackwell, 1991b.
- MIR-HOSSEINI, Ziba. "Muslim women's quest for equality: between Islamic law and feminism." *Critical Inquiry*, 32, Summer 2006, p. 629-645
- MODOOD, Tariq. Muslims and the politics of difference. *The Political Quarterly*, pp. 100-115, 2003.
- MOGHISSI, Haideh. *Feminism and Islamic fundamentalism: the limits of postmodern analysis*. London: Zed Books, 1999.
- MOJAB, Shahrzad. "Theorizing the politics of 'Islamic Feminism'". *Feminist Review*, n. 69, p. 124-146, Winter 2001.
- RODRÍGUEZ, Ana Salas. *Aportaciones del feminismo islámico como feminismo poscolonial para la emancipación de las mujeres musulmanas. Revisión bibliográfica de fuentes*. Máster Universitario em Estudos Feministas. Universidad Complutense, Madrid, 2012.
- SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- SPIVAK, Gayatri C. *Critique of postcolonial reason: toward a history of the vanishing present*. Harvard University Press, 1999.
- TAYLOR, Charles. *Multiculturalism: examining the politics of recognition*. Ed. Amy Gutmann. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 1994.